

ESSE OLHO QUE OLHA... MATA!

Prostituição, Crime Organizado e Gozo

Francisco de Farias

1 - Avertissement

Determinadas ocorrências nos centros urbanos constroem um cenário bem específico, a ponto de causarem os maiores impactos e se constituírem como objeto de interesse dos estudiosos que se ocupam das questões relativas ao entendimento acerca do existir humano. A repercussão dessas ocorrências pode muito bem ser o fator que me convocou ao estudo da perversão, além, evidentemente, de uma escuta a partir da experiência com o inconsciente. Não obstante, mesmo no contexto dessas ocorrências, não há nenhuma garantia de que aqueles que nelas se engajam sejam perversos; pelo menos essas ocorrências caracterizam-se, no seu conjunto, como atividades perversas.

Apesar de essas atividades constituírem um interrogante para os estudiosos no campo das ciências do sujeito, certamente colocam um limite ao psicanalista quando ele se dispõe a realizar uma leitura dessa dimensão subjetiva por uma vertente clínica, mesmo porque dificilmente os protagonistas desses acontecimentos buscam uma análise, principalmente aquele que se encarrega de executar essas atividades. No entanto, o fato de essa questão ser rara na clínica psicanalítica, não quer dizer que o assunto deva ficar fora das discussões concernentes ao desejo e ao laço social. Certamente, a visada do psicanalista recobre uma outra via que é objeto de consideração em outros setores do saber, ou seja: numa leitura psicanalítica, atenta-se principalmente para a dimensão do gozo que, em suas variadas formas, pode ocorrer nessas atividades.

O recorte realizado neste estudo consistiu em trabalhar uma espécie de produção discursiva no campo da perversão, onde aspectos como o olhar, o sadomasoquismo, o exibicionismo e o aviltamento são pregnantes. Não se trata da produção de sujeitos tomados no dispositivo analítico. O que está em pauta é a escrita sobre uma dimensão referente ao desejo, o que de certa forma justifica a dinâmica das atividades perversas em questão.

A pretensão é, em primeiro lugar, produzir uma releitura sobre determinadas práticas para interrogar sobre a estrutura perversa e sobre a função do olhar no campo da perversão. A problemática considerada como ponto de partida é a relação contingente e estrutural entre o gozo e a fantasia na posição perversa. Convém aqui pensar, conforme nos indica Lacan¹, no gozo enquanto *“interdito ao ser falante enquanto tal, ou seja, o gozo não pode ser todo dito por alguém que é sujeito da Lei”*. Há também de se considerar o corpo como instância corporeificada quando é incorporado ao simbólico.

É a partir do gozo e do corpo que a perversão será questionada no contexto das atividades perversas, onde se alimenta uma esperança de que gozo e corpo possam se conju-

gar. Sendo assim, a narrativa seguinte tem o objetivo de trazer a lume uma nuance desse contexto obscuro, e assim produzir um entendimento acerca das razões que respondem por tais ocorrências. Trata-se da captação de um aspecto encontrado numa investigação que vem sendo conduzida sob minha coordenação, a partir de um projeto de pesquisa destinado a estudar a articulação entre gozo e posição perversa, bem como as conseqüências do ato que é desencadeado para esse fim, aqui identificado como **ato perverso**, numa atividade perversa.

2 - De profundis

Era uma vez ...

Nalgum lugar da cidade do Rio de Janeiro, precisamente nas proximidades do prédio do MEC, da Santa Casa de Misericórdia, do Aeroporto Santos Dumont e principalmente nas escadas da Igreja Santa Luzia², na calada das noites de verão reúnem-se, um após outro, os personagens, ou melhor, os atores que encenam não uma peça teatral em sua dimensão fictícia, mas uma ocorrência de natureza **perversa** desdobrada em três atos e um epílogo, cuja mise-en-scène, uma vez relatada, pode muito bem ser considerada o esboço de uma tragédia policial, ou mesmo fazer eco às situações criadas por Jean Genet³ em seus romances. Quem são esses autores?

A troca de atores para autores é justificada pelo fato de que os participantes desses acontecimentos escrevem o texto que encenam, além de se encarregarem, cuidadosamente, da direção do espetáculo, em cujo cenário destacam-se a rudeza e a crueldade. Apresentamos então o elenco pela ordem de entrada em cena desses autores-atores.

Submergido numa penumbra de uma luminária que tem reduzidos os seus efeitos luminosos pela copa densa de uma árvore, encontra-se o chamado **garoto de programa**⁴, colocando-se, estrategicamente, num ponto denominado, neste lugar, de posto de trabalho. Aí comparece para dar início

às variadas tarefas. Aparece num dado lugar acreditando dispor de algo para assim estabelecer uma espécie de troca através da prestação dos chamados serviços “sexuais”. Esse é o pórtico pelo qual este sujeito se lança no circuito de uma encenação perversa.

Em seguida aparece um senhor, geralmente de meia idade, à procura de aventuras. Ou desventuras? Não se sabe. Neste lugar onde chega, passa a ser identificado como cliente, categoria estabelecida em função de sua condição econômica, motivo pelo qual é o alvo da obtenção de dinheiro pelo garoto de programa. A posição do cliente é a de quem busca algo. Por isso, sujeita-se a pagar um preço pelo objeto desejado, concordando, no sistema de trocas, em protagonizar uma ação regada com requintes de crueldades, que vão desde a submissão até a morte. Sujeita-se, também, por uma espécie de contrato firmado, a se disponibilizar para surpresas, sustos, mortificações, anulações, aviltamento e outras formas de rebaixamento do eu.

O terceiro personagem a entrar em cena é um policial, na qualidade de guardião da lei. Quando se faz presente, realiza um desvio de suas funções para compor, com o garoto de programa e o cliente, o cenário das atividades perversas propriamente ditas. A lei da qual o policial é guardião resvala, de modo a tangenciar o infinito, no exato momento em que uma nova lei de funcionamento é ditada para sustentar as atividades que, a partir desse momento, têm lugar. Essa nova lei é da autoria do policial que se encarrega, de forma minuciosa, de sua execução.

O policial age dessa maneira respaldado pelo garoto de programa numa espécie de laço social frouxo, a ponto também de incluir o cliente na sua paixão neurótica de ser⁵.

O porta-voz da ocorrência que teve lugar num determinado percurso realizado na Esplanada do Castelo foi o garoto de programa que se dispôs a precisar os detalhes e as minúcias da situação articulada ao gozo, cujo roteiro encenado contém uma seqüência de atos perversos, os quais apontam

para uma modalidade de gozo relacionada ao crime organizado.

3 - Ato Um - “Eu sou o olhado : Tenho algo”

De calça justa , camiseta , boné e tênis, peças escolhidas de acordo com o padrão que determina a estereotipia de masculinidade, comparece o garoto de programa para mais um dia (ou noite) de trabalho, no seu local de costume. Toda a vestimenta visa a destacar a silhueta do corpo realçando aspectos que “marcam” os supostos traços masculinos.

Apresenta-se em lugares públicos onde monta uma cena no intuito de realizar uma “mostração”: expõe seu pênis ereto pelo fato de supor que há alguém que pode ficar paralisado, fascinado e extasiado por tal espetáculo. Certamente, acredita que assim pode atrair, de forma irresistível, aqueles que se fascinam pela questão fálica e que também supõem que o gozo é possível.

O lugar em que tais ocorrências têm lugar é de natureza tal que conserva uma certa dimensão de anonimato e perigo, pois somente dessa maneira a **mostração** do pênis tem sentido, especialmente em se tratando da característica assinalada por Freud⁶ a respeito do exibicionista, ou seja: a exibição funciona como uma forma de o exibicionista exigir daquele para o qual se exhibe um retorno, de modo a se configurar o circuito em termos da atividade e passividade. Dito de outra maneira, a escolha do lugar é feita de acordo com determinadas premissas para garantir a encenação de uma dimensão toda própria e, também, para conferir a esse ato uma significação de confronto com a castração. A situação assim configurada nos sugere que a mostração do pênis funciona como uma maneira de assegurar para o garoto de programa o desmentido da castração. Quer dizer , nestas circunstâncias:

“... o exibicionista vem oferecer à vista, não apenas seu pênis como órgão real mas a própria posição do sujeito como falo.

O perverso em seu ato mostra ao mesmo tempo que ele é o falo e que tem o falo. Isto permite depreender uma identificação do sujeito ao significante fálico.”⁷

Essa maneira de se apresentar como algo para além da castração, numa espécie de positivação do falo, é o espetáculo que atrai o cliente, sendo este o momento em que o garoto de programa entra em cena, de certa forma, identificado ao objeto. Nesse duplo laço identificatório (identificado ao falo que falta ao Outro materno e identificado ao Outro falicizado), oferece-se como instrumento para fazer o Outro gozar. Trata-se de uma posição do sujeito indicada por Lacan⁸, onde o sujeito se faz de instrumento para oferecer um gozo ao Outro.

A finalidade da atitude do garoto seria, em primeiro lugar, propiciar uma forma de gozo ao cliente. No entanto, por trás dessa fachada esconde-se o objetivo principal dessa encenação: fazer algo contra a vontade do Outro e tomá-lo desprevenido para que com isso surja a surpresa, o horror e o pânico. Sendo assim, esse ato de se mostrar é um “fazer-se olhar” empregado como recurso contra a castração. Ou seja: o que está em jogo é uma espécie de oferecimento ao Outro, ou mais precisamente ao pai, para se defender dos efeitos mortíferos da demanda materna. O que é ameaçador para o sujeito, nesse contexto, é a possibilidade da ocorrência da queda de sua condição desejante. Quer dizer, tenta evitar a todo custo ser aquilo que é ditado pelo desejo da mãe.

Utilizando-se de um conjunto de artifícios, o garoto atinge seu alvo que é atrair o cliente em direção a uma efêmera e ilusória modalidade de gozo. O desdobramento dessa cena tem por fim produzir atos que representam uma possibilidade de gozo onde o garoto, na sua mostraçã, apresenta para o cliente um algo a mais, caracterizando-se assim como um objeto que suscita prazer.

O ato desencadeado é um recurso último utilizado pelo garoto para ir de encontro às determinações sociais, já que houve uma falha da função paterna em produzir uma amarração que possibilite a circulação do garoto de programa no

contexto social, a partir de uma lei a qual todos estejam submetidos.

O seu ato é então um sacrifício, que representa seu último recurso para ir ao encontro de uma lei paterna que falhou. Desse modo vem a ocupar a posição de quem legitimamente se oferece ao pai para que a este seja possível um gozo, pois somente assim ele poderá ascender à condição de sujeito desejante.

Esse suposto sacrifício, que obriga o garoto a oferecer-se ao pai, produz uma espécie de caída do garoto de sua posição masculina. O que está em jogo aí é a identificação à mãe portadora de um falo imaginário⁹. É nesta balança que o garoto se situa: oferecer-se ao pai e desta maneira ocupar uma posição feminina, tentando tamponar a falta fálica na mãe, para não abrir mão de sua condição desejante. Com isso, e somente dessa forma, monta uma cena para fazer o cliente gozar, já que é o gozo o elemento de marcação do roteiro desse drama.

A exibição do corpo, a mostração do pênis e a fascinação do cliente diante desse espetáculo, representam uma forma de escamoteamento em relação à questão fálica, onde o garoto quer tão somente indicar que trata-se aí de algo – o pênis como representante do falo – que produz uma cilada. Isto pode ser lido da seguinte maneira: “existe apenas Um que goza”¹⁰.

Essa forma de escamoteamento em relação ao falo é o meio pelo qual o perverso se vale para indicar que o “falo é um logro, uma armadilha, um chamariz”¹¹. Dito em outras palavras, o que o garoto de programa pretende, na posição perversa, é enviar uma mensagem que consiste na possessão do Outro, pois, nestas condições, o Outro é o falo que o perverso imagina.

Certamente, sabe-se que a intenção do garoto nessa espécie de empreitada é enviar ao cliente uma mensagem de que pode possuir o Outro, já que, nessas circunstâncias, o cliente encontra-se reduzido à condição de falo. Por isso, tenta convencer o cliente de que ele – cliente – é esse falo, e é dessa

maneira que o reduz a um mero objeto, forçando-o a uma situação onde possa haver a equivalência entre o corpo do cliente desprovido de sua moção desejante e um objeto em condições especiais. É a esse objeto que o garoto vai se identificar, na medida em que por trás desse objeto encontra-se o Outro ao qual o perverso supõe uma completude imaginária. Não obstante, esse Outro aparece sempre mortificado, pois neste ato a jogada do garoto é apagar a todo custo o efeito do recalque no cliente. Com seu ato faz reverberar o falo imaginário e, assim, rebaixa o cliente à condição de objeto, o que no matema lacaniano da fantasia corresponde ao objeto *a*, que na fórmula, para a posição perversa, aparece como primeiro termo, ou seja, o objeto *a* aparece do lado do sujeito.

Uma vez que o garoto de programa consegue reduzir o corpo do cliente a este estado de cadaverização, o que daí decorre é um ato que ultrapassa o limite colocado pela LEI, tanto a lei do Estado quanto a do pai. Nestas circunstâncias, mutilações, aviltamentos, dores, cortes e mortes são possíveis, devido a encontrar-se em suspensão o freio relativo aos valores éticos e morais que respondem pelos laços sociais. Devido ao fato de o perverso estar identificado a uma mãe sem castração¹², tenta ultrapassar o limite imposto pela lei e, através de mutilações, vai ao encontro da castração simbólica. Conforme assinala Quinet:

*“A perversão é uma via na qual o objeto se envereda para constituir-se, na verdade, como esse objeto simbólico para enganar o desejo da mãe. À questão sobre o desejo do Outro, o sujeito responde colocando-se nesta posição de ser seu falo.”*¹³

Este sacrifício da ordem da castração é a modalidade encontrada pelo perverso acerca do que pode ser o gozo no corpo do Outro. Quer dizer: não se trata de um questionamento sobre como o Outro poderia gozar e sim como algo goza no corpo do Outro. A perversão seria assim uma possibilidade de produzir uma resposta para esta questão que tem como tema o gozo no corpo. Desta forma o perverso espera

fazer existir uma mulher que não pode existir como sujeito, já que se trata da esperança de obter uma mulher positivada falicamente. Esta é a finalidade pela qual o garoto de programa se exhibe para, em função disso, poder retirar do corpo do cliente uma modalidade de gozo. Mas um gozo do corpo pretendido como gozo real no momento em que o garoto cai numa posição feminina para tentar fazer a mulher existir como sujeito, ou seja: tenta desse modo apagar a barra do recalque. A esse respeito Castanet nos diz que *“o sujeito perverso na sua prática tenta produzir, concretizar, pela extorsão no seu par, deste Outro gozo, ao resgatar o corpo real do significante, ou seja de fazer advir o Outro como ser sexuado”*¹⁴.

4 - Ato dois : Eu sou o olhador: do amor à dor.

Ao se deparar com o garoto de programa, na sua profunda transformação, o cliente é surpreendido pela estranheza de uma espécie de olhar, também estranho: é como se o órgão sexual exibido pelo garoto naquelas condições emitisse um olhar mortífero a ponto de fazê-lo ficar paralisado para ver do que se trata.

A atração sentida é tamanha que produz no cliente um efeito ilusório de ter encontrado aquilo que busca. Sustentado por esses dois vetores (um órgão que o olha e a crença de que encontrou o que procurava), o cliente se reduz propositalmente à condição de objeto na esperança de poder gozar. Para isto, aproxima-se do garoto num movimento que se inicia pelo olhar e termina com a mobilidade do corpo. Isto representa a tentativa do cliente, nesta posição, de ver o objeto na sua ausência como o artifício adequado para tamponar o furo no Outro, colocado em cena pela castração. O que esta jogada revela é a transformação do cliente numa espécie de corpo mobilizado, quando se depara com o garoto com seu órgão exibido. Tem-se então no cliente um retorno desse olhar que emite à medida que recebe o olhar desse órgão. Ou seja, trata-se, assim, de um único e mesmo olhar, onde o sujeito

se confunde e se aniquila, ao se objetivar pela redução ao objeto desse olhar.

Tem-se, neste circuito, o desejo do cliente, que é sustentado pela suposição de que há algo no garoto de programa que pode ser visto, e isto é a causa do seu “dar-se a ver”. Para dar consistência a esse circuito, o cliente aproxima-se do garoto, primeiro com os olhos, depois de outras formas, utilizando-se de restos metonímicos peculiares a esse lugar: odor de urina, odor de fezes, escuridão e perigo. Todo esse cenário constitui-se em algo fundamental nesta espécie de produção do gozo, a partir do encontro desses personagens com estes restos excrementícios, além da escuridão, do perigo e... da possibilidade de o garoto ser um assaltante. São esses restos que, possivelmente, prendem o cliente nestes lugares públicos. Quando se faz uma afirmação dessa natureza, leva-se em consideração o conhecimento do cliente acerca dos riscos que corre neste tipo de aventura, pelo fato de que, constantemente, são divulgados nos meios de comunicação assaltos, extorsões e, até mesmo, mortes causadas a partir do contato do cliente com esses garotos e da frequência a esses lugares. Apesar de estar ciente de tudo isso, o cliente não consegue evitar de comparecer a esses lugares. Certamente, se o faz, alguma razão deve ser considerada para explicar tal atitude.

Acreditamos que o incremento de angústia vivida pelo cliente na esperança de obter aquilo que busca, nestes lugares, seja o motivo pelo qual se oferece como uma presa fácil a esses garotos, para ser aviltado e inclusive colocar-se numa situação de perigo¹⁵. Tudo isto é tomado como uma necessidade premente para seu gozo, razão pela qual se submete a essa situação na esperança de ser desmascarado. Configura-se, assim, uma forma extrema de gozo que inclui o gozo com o olhar, com o odor, com a dor e com a humilhação. Este é o roteiro que sustenta o acontecimento em pauta. Desse modo, o cliente atinge um estado de tensão máxima ao aceitar a posição de ser “instrumento do gozo do Outro”¹⁶. O assujeitar-se a esta posição e aos maus tratos recebidos são

ingredientes necessários ao gozo. É este elemento que sustenta todos os atos praticados. E não é tão difícil imaginar quem são os implicados nesses atos. No entanto, mesmo cliente de todo o tipo de violência que pode ser desencadeada o cliente não hesita em buscar esses lugares. Uma explicação para esta sua busca pode ser esboçada ao se considerar sua paixão desenfreada, causada pelo sofrimento neurótico, razão pela qual não vê outra saída, a ponto de dispensar serviços de atendimento a domicílio e casas que oferecem esses “serviços sexuais” com uma certa segurança. Outra possibilidade seria a de que essa busca pode ser causada pela posição do sujeito em relação à sua condição de vida pois, como nos lembra Freud, todo homem deve à natureza uma morte pelo fato de ter nascido. Seria essa busca causada por esta condição do sujeito no mundo?

Certamente, o gozo buscado tem uma particularidade. Aqui fica então uma outra indagação: o que busca, então, o cliente quando se expõe dessa maneira, nesta paixão desenfreada que pode até levá-lo à morte? Possivelmente tenta encontrar uma forma de gozo lançada ao infinito, sendo esse gozo algo por ele mesmo ignorado e desconhecido, quando diz temer ser visto naquele local, devido à sua condição social e também pela negação ao perigo ao qual se expõe, seja pela possibilidade de morte ou assalto, seja pela negação de determinados cuidados em relação às doenças sexualmente transmissíveis¹⁷. Mas, se assim procede, o faz para ser aviltado e humilhado porque acredita que somente dessa maneira pode gozar. Por isso, submete-se a tudo na esperança de ser desmascarado e descoberto. Essa esperança já é um dos ingredientes do seu gozo, numa forma extremada que inclui: o gozo decorrente da exposição ao perigo e da promessa da morte, além de se considerar também a humilhação e o aviltamento. O êxtase que aí se produz faz um lançamento do limite imposto pela castração para quase o infinito. Isto porque o cliente imagina que encontrou uma fórmula referente ao gozo que deixa a descoberto o objeto do mesmo.

Quando o contato do cliente com o garoto de programa é selado, abre-se, para o cliente, uma possibilidade de utilizar um direito que consiste no uso do corpo do garoto para gozar. O cliente consome-se neste gozo desmedido porque acredita que captou algo que responde à demanda do Outro. Nesta direção onde imagina ser possível captar o gozo, o cliente põe em prática a máxima da fantasia sadéana, elaborada por Lacan: “*tenho o direito de gozar do teu corpo*”¹⁸. E o garoto não deixa por menos. Sabendo disso, oferece não só o seu corpo, mas tenta colocar em cena um olho que, como nos ensinou Freud¹⁹, responde por um incremento do gozo. Trata-se de uma espécie de olhar inapreensível que é apagado ao mundo, pois se refere ao circuito da pulsão. Ou seja, é um olhar que objetiva o sujeito, sendo, certamente, um olhar excluído do campo da visão.

Esse olho que aí comparece é o desdobramento do possível pagamento que o cliente acordou com o garoto, à medida que o garoto faz a abertura para o ato seguinte introduzindo no cenário mais um corpo, pois o olho relativo a esse corpo já estava em ação. O que se destaca aí é a posição do cliente como *voyeur*, na sua paixão de ser, para se submeter enquanto objeto desse olho mortífero. Sabe-se que esta paixão deve-se, segundo Calligaris²⁰, ao sofrimento neurótico pelo qual o cliente alimenta a esperança de encontrar um objeto adequado ao gozo.

5 - Ato Três - O olho que vê aquilo que não se mostra.

O garoto de programa, antes de entrar em cena, efetua uma espécie de marcação para incluir o terceiro personagem desse drama. Para tanto, estabelece um acordo com um policial que fica, às escondidas, vendo a situação sem ser visto. Trata-se de uma espécie de olhar que presentifica a dissimetria de um olho que vê sem ser visto e um corpo que é visto sem que veja o olhar que o vê. Seria algo semelhante, neste tipo de olhar, a um semblante de Deus ou, mais preci-

samente, uma espécie de olhar panóptico, descrito por Foucault em “Vigiar e Punir”²¹. Esse olho que vê sem ser visto já é de certa forma esperado pelo cliente, em virtude de ser comum, nesses lugares, a presença de policiais.

Num dado momento, quando a felação tem lugar, o policial aparece de forma surpreendente com um revólver na mão e “prende” o garoto e o cliente. Em seguida, aparece um carro da polícia com mais um ou dois policiais. O motivo que fez esses três personagens se unirem, mais uma vez os aproximou de uma modalidade de gozo sem limites. No momento em que o garoto de programa, o cliente e o policial compõem essa cena, o que dizem para si em relação ao desejo, aos valores morais, à ética e ao gozo? Caberia então levantar uma indagação acerca do tipo de laço social que sustenta essa prática e qual o elemento faltante.

De tudo, sabe-se que essa ocasião é um ponto de tensão máxima, onde o cliente experimenta um excedente de gozo, o que corresponde a uma perda dos próprios limites, devido também à presença do policial e de suas palavras. Não se pode deixar de considerar que, sendo o gozo da ordem do para-além dos limites relativos aos laços sociais, revela-se nesta circunstância o encontro do cliente com algo tão singular e tão estranho, de forma a ser presentificado algo que não é passível de ser inscrito no contexto simbólico. Quer dizer, trata-se de algo não simbolizável equivalente à elaboração freudiana conhecida como “*Das Ding*”, que faz referência a um resto não-simbolizável, ou seja, uma espécie de resíduo que se constitui, inevitavelmente, no sistema de trocas, pela mediação da palavra.

O policial acusa o cliente de estar praticando um ato que é um atentado ao pudor. Há por outro lado uma farsa da autoria do garoto: quando o policial lhe pede a carteira de identidade, diz que não tem por ser menor. O policial vale-se disso e, geralmente, bate no garoto (numa espécie de acumpliciamento) para produzir temor e pânico no cliente. Também é provável que disso o garoto tire proveito, pois não sem razão se oferece à dor. Neste contexto é sustentado aquilo

que Freud²² propõe em “Uma criança é espancada” que o gozo obtido nestas situações é uma identificação à vítima, quando se presencia o espancamento ou aviltamento. Trata-se de uma fantasmática na qual o sujeito se coloca enquanto receptor de uma **ação dolorosa** e, por isto mesmo, gozando a partir dela. Em outras palavras: é provável que o garoto luche da situação entre o policial e o cliente neste momento de tensão máxima. Quase sempre o garoto chora alegando a dor da pancada e o medo de ser preso. Tem-se assim um ato previamente combinado como condição de dar veracidade à situação. Em decorrência disso, o policial acusa o cliente de mais um crime: corruptor de menores.

O desfecho que tem lugar não é tão difícil de imaginar. O policial ordena que o garoto e o cliente devem acompanhá-lo até o distrito mais próximo. Para tanto, entra no carro do cliente juntamente com o garoto, sendo seguidos pelo carro da polícia que chegou ao local. O fechamento desse ato perverso, **uma montagem do crime organizado**, é sustentado pelo olho que indica que, doravante, todo tipo de acontecimento pode ter lugar. Também, declara o policial: para seus propósitos, somente alguma coisa serve. Tem-se agora o cliente colocado diante de uma outra abertura relativa ao gozo, pois o policial a partir de sua entrada em cena ocupa o lugar de dominação e de produção de terror e perigo para o cliente. O que se passa, então, em relação ao roteiro ditado pelo gozo no trajeto indicado pelo policial é o ponto indicador do epílogo, cujo texto é de autoria exclusiva do policial e que já possui até um termo técnico: **a limpeza**. Por razões das circunstâncias, utilizaremos este termo para denominar o fechamento dessa ocorrência.

O fechamento desse ato perverso é sustentado pelo olhar que indica que a partir dessa cena tudo é possível, mas somente alguma coisa serve, o que coloca em pauta a superexigência do olho panóptico do policial que encarna perfeitamente o olho mortífero do pai da horda primitiva, sendo esta uma dimensão do olhar trabalhada por Freud em “Totem e tabu”²³.

6 - Epílogo - A limpeza

O ator que primeiro entrou em cena nessa tragédia foi o garoto de programa, que passa à condição de coadjuvante no momento em que o policial assume o comando, dando continuidade à execução das atividades perversas. O garoto de programa informou que dificilmente o policial aceita qualquer tipo de suborno no lugar onde **flagrou** o cliente. Certamente, interessa-lhe ser testemunha viva do sofrimento que o cliente venha a manifestar. Quer dizer, é através dessa modalidade sádica que o policial tenta efetuar o retorno para o cliente de um objeto impossível de ser apreendido. De certo modo, o garoto de programa, ao se encarregar de sua enenação, tem possivelmente o mesmo objetivo. Conforme sustenta Lacan²⁴, encontra-se aí algo que pode ser interpretado como o ponto no qual o perverso tenta cerzir o furo do Outro. Quer dizer, tenta de todas as maneiras fazer retornar o objeto perdido ao lugar de vazio, com o firme propósito de oferecer ao Outro uma completude através do **saber**.

Isto é consoante com a posição do perverso em relação à convicção de que os atos praticados são em nome de uma causa: fazer o Outro gozar. Para isso, exige um olho que testemunhe essa ação. Parece ser quase uma necessidade do policial a presença do garoto para testemunhar a apreensão que faz, no momento em que tenta a dessubjetivação do cliente. Sem sombra de dúvida, o policial tenta a qualquer custo negar ao cliente sua condição de sujeito. É essa, então, a razão de sua ação. Sendo assim, o contato com o garoto de programa e com o cliente parece se fazer necessário. Por isso, o policial se mostra irredutível em rever sua indicação primeira: a prisão e o encaminhamento para o distrito policial. Aí está, naturalmente, a posição do policial quando não abre mão de sua intenção de propiciar uma completude imaginária ao cliente. Não obstante, quando o faz, produz uma espécie de mortificação. Trata-se da maneira encontrada pelo policial, na posição perversa, de apagar o efeito do recalque no Outro. De certo modo, o seu ato já é uma realização disso.

Por isso mesmo, sua atitude para com o cliente e o garoto é o desdobramento de estratégias e técnicas bem planejadas e executadas com precisão.

Ao entrar no carro do cliente, o policial “pinta” para ele um quadro de sua situação, não só junto ao aparato policial como também em relação à possibilidade de tal acontecimento ser divulgado nos meios de comunicação. Assegura para o cliente que ele será **autuado** por vários crimes. Pergunta ao cliente se ele, sendo um homem bem situado na vida, não se envergonha de estar praticando tais baixezas. Aqui cabe destacar uma peculiaridade desta atividade perversa, que é a escolha do garoto de programa por clientes que, através de seus automóveis, sejam considerados como pertencentes a uma elevada classe social. Este aspecto é tomado como um argumento para que o policial proceda à degradação e ao aviltamento em conformidade com a escrita do texto de sua autoria.

O cliente, para não ser preso, nem também ser visto por mais outros olhos, disponibiliza-se para ser extorquido, oferecendo ao policial algo que supõe ser da ordem do gozo. Obviamente, o policial não se contenta com o que é oferecido pois para ele **tudo é pouco**. Depois de tomar do cliente objetos de valor, o conduz a caixas eletrônicas e, quando possível, são feitas retiradas de modo a zerar o saldo bancário. Existem ocasiões nas quais, pela falta de dinheiro, alguns cheques são assinados.

A atitude do policial pode muito bem ser considerada uma atividade perversa, especialmente naquilo que, no seu funcionamento, é expresso em termos da ruptura das barreiras do pudor e da moralidade. Essa ruptura é o ponto máximo de moralidade, visto o policial obedecer cegamente ao imperativo do gozo do Outro de forma a se assemelhar a uma espécie de atendimento ao imperativo categórico, conforme proposto por Kant²⁵.

A partir do momento em que o policial se cientifica de ter oferecido um gozo ao cliente, libera-o, sustentando enfaticamente que o garoto será preso por menor. O garoto e o

policial entram no carro da polícia para, depois que o cliente for embora, ser feita a quotização do material da extorsão. Quando indagado de sua participação nessa montagem, o garoto disse que o policial lhe protege dos outros garotos que são, **também**²⁶, assaltantes, além do que, ganha mais dinheiro dessa maneira do que se fosse para um motel, pois além de não ter que transar com o cliente, os clientes têm muitas coisas e isto não irá lhes fazer falta.

Aqui há claramente, da parte do garoto, o recurso à máxima sadecana de que numa situação de extorsão, o culpado é sempre o extorquido. Afirma Sade²⁷ que numa situação de roubo seria ridículo prender o ladrão, visto que o único culpado é aquele que se deixou ser roubado. As palavras do garoto de programa expressam de forma magistral essa posição: os clientes **devem** ser roubados e extorquidos porque eles **têm muitas coisas**. Ou seja: são culpados por tê-las.

Em todos os atos relatados constata-se que o elemento de amarração sugere sempre a mesma temática: o gozo em suas diferentes nuances. Certamente, o roteiro desse drama aponta para o elemento de fechamento do espetáculo trágico: o gozo ou a vontade de gozo. Este é o ponto no qual se situa a questão do perverso. Melhor dizendo: o perverso executa, com precisão, atos dessa modalidade para sustentar seu desejo pelo gozo. Sendo assim, o ato perverso é a maneira pela qual pode ascender ao gozo, mas este ato tem que ser de tal natureza a ponto de sustentar também o gozo do Outro. Tudo o que ocorre da parte de cada um dos três participantes é o resultado de uma ação desempenhada com perfeição e técnica para sustentar algo da ordem do desejo através do gozo.

Acredita-se que o conjunto de atividades perversas de cada personagem é a maneira encontrada por cada um para ter acesso ao gozo, mas de forma tal que o **gozo do Outro**, seja obrigatoriamente sustentado, mesmo que seja pela transposição de um limite. Isto é o que caracteriza o mecanismo específico da perversão, definido por Freud²⁸ como o **desmentido da castração**. Este mecanismo “*consiste em desmen-*

tir a verdade em nome da verdade”²⁹, sendo o mecanismo que sustenta e dá coerência ao ato perverso.

Sendo assim, aquilo que é posto em ato pelo desmentido é a fantasia fundada numa queda da demanda do Outro. Cabe, para finalizar, um esclarecimento. Embora os atos desses três personagens tenham sido caracterizados como **atos perversos**, isto não é condição suficiente para se afirmar tratar-se de estruturas perversas, ou mesmo de perversão. No entanto, constata-se: a) uma espécie de funcionamento da linguagem caracterizado pelo desmentido, b) uma série de atividades perversas de natureza bem diversificada, c) uma modalidade de gozo pelo rebaixamento do Outro à condição de objeto, e , d) uma montagem do crime organizado, da qual participam o garoto de programa como o sujeito que encobre uma espécie de falta no Outro; o cliente na sua desejada inocência e na sua paixão de ser e, finalmente, o policial com seu olho panóptico ao qual nada escapa.

RESUMO

Aborda-se o gozo no ato perverso a partir de uma montagem do crime organizado. Considera-se tanto o fantasma que sustenta essa modalidade de gozo quanto a posição do sujeito frente à vontade do Outro.

Notas e Referências Bibliográficas

- 1 - LACAN, J. “Subversion du sujet et dialectique du désir”. In: LACAN, J. *Écrits* Paris: Seuil, 1966, p. 821.
- 2 - Acreditamos que a referência a todos esses santos não seja meramente uma obra do acaso nem tampouco a disposição desses personagens nos degraus da Igreja Santa Luzia.
- 3 - Destaco aqui especialmente o romance *Querele*.

- 4 - É provável que a terminologia atual amplamente difundida, seja a substituição para o termo *michê*, cujo uso está decaindo.
- 5 - CZEMAK, M. *Paixões do objeto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- 6 - FREUD, S. *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- 7 - QUINET, A. Schaulust e perversão. *Falo. Revista Brasileira do Campo Freudiano*. 4/5, jan-dez, 87-92, 1989.
- 8 - LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.
- 9 - LACAN, J. *La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994.
- 10 - BRUNO, P. *Satisfação e gozo*. Belo Horizonte: Tahl, s/d, p.39.
- 11 - CZEMAK, M. *Paixões do objeto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 54.
- 12 - Czernak destaca que o exibicionista, ao se recobrir com um véu, manifesta uma identificação com a mãe.
- 13 - QUINET, A. Schaulust e perversão. *Falo. Revista Brasileira do Campo Freudiano*, 4/5, jan-dez, 1989, p. 88.
- 14 - CASTANET, H. *Regard et perversion*. Nice: Z'éditions, s/d, p.17.
- 15 - O garoto de programa informou que o cliente teme ser visto naquele local devido a sua condição social e ao seu estado civil pois quase sempre são homens casados, que durante o dia trabalham no centro da cidade.
- 16 - MILLER, J. A. *Dos dimensiones clinicas: sintoma y fantasma*. Buenos Aires: Manantial, 1983, p. 36.
- 17 - Um cliente informou que ao ter relações sexuais com os garotos de programa não se preocupava de usar preservativos por ter certeza que “*todos eles na flor da idade são saudáveis e não têm AIDS* “. Como se pode observar, está aí uma denegação do perigo ao qual se expõe diante da possibilidade de contrair o vírus da AIDS.
- 18 - LACAN, J. “Kant avec Sade”. In: LACAN, J. *Écrits* Paris: Seuil, 1966, p.768..
- 19 - FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- 20 - CALLIGARIS, C. *Perversão: um laço social*. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.
- 21 - FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- 22 - FREUD, S. *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, 1974
- 23 - FREUD, S. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

- 24 - LACAN, J. Kant avec Sade. In LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- 25 - KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- 26 - O uso dessa palavra pelo garoto nos sugere ser indicativo de sua condição, a qual é de seu conhecimento.
- 27 - SADE, M. *La philosophie dans le boudoir*. Paris: Folio, 1983.
- 28 - FREUD, S. *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- 29 - CLASTRES, G. “Ato neurótico e ato perverso”. *Revista da Clínica Freudiana*. 32/33, jan/jul, 1980, p.8.